

# CONJUNTURA DO LEITE

Bloco Parlamentar Temático da Agricultura Familiar  
Assembleia Legislativa do Estado do Paraná

## 1. Aspectos Mundiais

Dados da Embrapa apontam que em 2017 a produção mundial de leite foi de 827,9 bilhões de litros de leite.

Como podemos observar a tabela (1) a seguir, mostra a produção total de leite em países selecionados entre 2016 e 2017. Com uma produção de 33,5 bilhões de litros em 2017, o Brasil é o terceiro maior produtor mundial, contribuindo com 4% do total produzido nesses países, ou 5% se considerar só a produção de leite de vaca. Estes 11 países relacionados representam cerca de 51% do total produzido no mundo. Desta produção, 675,6 milhões de toneladas é de leite de vaca, 120,4 de leite de búfala, 31,9 de leite de camela, cabra e ovelha.

**Tabela 1. Produção de leite nos principais países produtores e participação percentual. Em milhões de toneladas.**

<b>País</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
EUA	96,4	97,7
Índia	77,4	83,6
<b>Brasil</b>	<b>33,7</b>	<b>33,5</b>
Alemanha	32,7	32,7
Federação Russa	30,5	30,9
China	37,2	30,8
França	24,5	24,5
Nova Zelândia	21,7	21,4
Turquia	16,8	18,8
Paquistão	13,1	16,1
Reino Unido	14,9	15,3
Holanda	14,3	14,3
Sub total	413,2	419,6
Outros Países	388,0	408,3
Total	801,2	827,9

Fonte Anuário Leite 2019 - Embrapa

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que o consumo mínimo de lácteos seja equivalente a 200 litros por habitante/ano. Em 2017, a produção mundial de todos os tipos de leite de 828 bilhões de litros, resultou em uma disponibilidade de 111 litros por pessoa, representando apenas 55% do recomendado. No Brasil a disponibilidade é de 180 litros por habitante ano. Temos aí um deficit de 89 litros de leite por habitante anualmente e no Brasil de 20 litros

por habitante ano. Para um mundo 'fome zero', de acordo com os objetivos do Milênio e para atender uma população mundial de 8,3 bilhões de pessoas, a produção de leite deveria dobrar na próxima década.

**Tabela 2. População mundial e consumo per capita de leite**

<b>Ano</b>	<b>População mundial</b>	<b>Consumo per capita</b>
2010	6.200	106,1
2014	6.500	110,3
2015	6.800	111,5
2016	7.100	111,1
2017	7.400	110,9

Fonte FAO

Para ir em busca dos Objetivos do Milênio, estamos diante de três ondas de demanda de alimentos até 2030. A primeira, já em franca atividade é a China, cuja renda per capita triplicou nos últimos 10 anos, saindo de 2.703 dólares em 2007 para 8.123 em 2016. A próxima onda virá da Índia, país com uma população também gigantesca, porém com uma renda per capita em torno de 1/5 da média chinesa. Depois virá o impulso de consumo de alimentos gerado pelo desenvolvimento dos 54 países que compõem a União Africana, e de países como a América Latina e o Leste Europeu.

Dessa análise conclui-se que o Brasil está diante de uma gigantesca oportunidade para produzir alimentos para abastecer seu mercado interno de mais de 207 milhões de consumidores (demanda de 40 bilhões de litros para atender 200 litros per capita/ano no mercado interno) e também vender para o mundo. Existem aqui grandes vantagens comparativas que podem (e devem) ser transformadas em vantagens competitivas.

Contudo, o Brasil tem dificuldades estruturais que tiram a competitividade do setor frente aos concorrentes como a União Europeia e Estados Unidos, e mais ainda, com a Nova Zelândia, Austrália, Argentina e Uruguai. O leite brasileiro hoje é mais caro e em muitas regiões, tem menos qualidade que o leite desses principais players mundiais do setor. Hoje nosso leite em pó chega ao porto por US\$ 4.000 a tonelada. O preço internacional no último ano oscilou próximo aos US\$ 3.000 a tonelada.

De acordo com o Anuário do Leite 2019 da Embrapa, entre 2012 e 2017, o preço médio do leite brasileiro ao produtor ficou cerca de 10,6% acima do preço médio mundial, enquanto Nova Zelândia, Argentina e Uruguai, tradicionais exportadores de leite, tiveram preços 10,0%, 7,0% e 6,1% abaixo da média mundial, respectivamente. Isso ilustra a dificuldade do Brasil em competir em preço com esses países.

A indústria de laticínios no Brasil é muito fragmentada, com as quatro maiores empresas respondendo por apenas 28% da captação formal de leite. No Chile, Uruguai e Nova Zelândia esse percentual supera os 90%, na Austrália 60% e nos Estados Unidos, 45%.

Para mudar esse cenário o Brasil precisa desenvolver uma cadeia produtiva de lácteos que seja capaz de produzir uma matéria-prima de qualidade, com sustentabilidade econômica, ambiental e social, a custos competitivos, com rebanhos sadios, cujos produtos possam ser exportados e assim gerar e distribuir valor aos produtores, aos agentes da cadeia e às indústrias. **Como implementar estas mudanças com inclusão social nesta que é a principal atividade da agricultura familiar na região Sul?**

## 2. Produção de leite no Brasil

- 33,5 bilhões de litros produzidos em 2017;
- 33,6 bilhões de litros produzidos em 2016;
- 34,6 bilhões de litros produzidos em 2015; (queda de 2,8%)

A produção de leite brasileira foi de 33,5 bilhões de litros em 2017, sendo 35,7% oriundos da região Sul, 34,2% da Sudeste, 11,9% da Centro-Oeste, 11,6% da Nordeste e 6,5% da região Norte.

Entre 2012 e 2015, o aumento da produção nacional foi de 1,2 bilhão de litros, impulsionada principalmente pelos três estados do Sul. Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, a quantidade produzida caiu e nas regiões Norte e Nordeste observou-se um pequeno crescimento no período, de acordo com os dados da PPM (Pesquisa Pecuária Municipal) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

**Tabela 3. Leite adquirido nos laticínios sob inspeção - principais estados e regiões produtoras (em milhões de litros)**

Anos	2002	2007	2012	2017
Brasil	21.643	26.137	32.304	33.491
Sul	5.508	7.510	10.736	11.970
RGS	2.330	2.944	4.049	4.552
Paraná	1.985	2.701	3.969	4.438
SC	1.193	1.627	2.718	2.980
Sudeste	8.746	9.803	11.591	11.449
MG	6.177	7.275	8.906	8.912
SP	1.746	1.627	1.690	1.694
RJ	0.448	0.463	0.539	0.469
ES	0.375	0.438	0.456	0.374
Centro Oeste	3.460	3.808	4.818	3.989
Goiás	2.484	2.638	3.546	2.990
Nordeste	2.363	3.339	3.501	3.896
Bahia	0.752	0.966	1.079	0.870
Norte	1.566	1.677	1.658	2.187
Rondônia	0.644	0.708	0.717	1.031

Fonte: IBGE : Produção Pecuária Municipal

A diferença entre o total de leite produzido no Brasil, apurado pela PPM, e a quantidade de leite cru adquirida pelos laticínios sob inspeção sanitária (24,3 bilhões de litros), obtida pela Pesquisa Trimestral do Leite - também do IBGE -, reflete a produção nacional de leite que não passou pela indústria formal.

A indústria teve aumento da captação de leite em 2017, enquanto a produção total no País foi menor em relação ao ano anterior. Com isso, a parcela da produção de leite que foi captada pela indústria e passou por fiscalização no ano correspondeu a 72,7% do total produzido.

**Tabela 4 - Evolução dos principais estados produtores de leite (em bilhões de litros)**

<b>Estados/Região</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Minas Gerais	9,1	9,0	8,9
Rio Grande do Sul	4,6	4,6	4,5
Paraná	4,6	4,7	4,4
Santa Catarina	3,1	3,1	3,0
Goiás	3,5	2,9	3,0
Região Sul	12,3	12,4	11,9
Brasil	34,6	33,6	33,5

Fonte: Produção Pecuária Municipal

### **3. Síntese dos principais pontos apontados pelo Anuário Leite 2019.**

***1. Produção se mantém estável em 2018. Preços com leve queda e um aumento de custos de produção. O deficit entre exportação e importação se manteve em 90 milhões de litros mês nos dois últimos anos. 1 bilhão de litros no ano.***

Em 2017, a produção de leite sob inspeção no Brasil voltou a crescer depois de dois anos consecutivos de queda. Entretanto, essa retomada da produção não foi consistente, com sinais de recuo já no primeiro semestre de 2018 e ligeiro aumento no segundo semestre, comparado com os mesmos períodos de 2017. Na média, 2018 terminou com aumento de apenas 0,5% na produção inspecionada. As razões para esse enfraquecimento da produção remontam ainda a 2017, com um segundo semestre em que os custos de produção começaram a subir e os preços do leite recuaram acentuadamente.

Apesar de uma boa safra de grãos e queda no preços da ração, as principais incertezas sobre o desempenho do setor lácteo em 2019 encontram-se no consumo. O crescimento da demanda por leite e derivados é fortemente influenciado pela economia. Com o fraco desempenho econômico do Brasil nos

últimos anos é difícil que tenhamos crescimento muito forte na demanda no curto prazo, continuando a demanda reprimida que se arrasta dos anos recentes.

**Tabela 5 - Importação e exportação de leite (em milhões de litros).**

<b>Ano</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
Importação	1.845	1,257	1.170
Exportação	0274	0180	0102
Saldo - deficit	1.571	1.077	1.068

Em 2018, a balança comercial de lácteos) apresentou deficit de 1,068 bilhões de litros (US\$ 413,2 milhões), tendo sido de 1,077 bilhões de litros (US\$ 443,3 milhões) no ano anterior, com exportações de 102 milhões de litros (US\$ 55,0 milhões) e importações de 1,170 bilhões de litros (US\$ 468,2 milhões). As exportações apresentaram redução de 46,2% e as importações recuaram 14,2%, ambas em valor, na comparação com o ano anterior. As importações de leite em pó integral entre janeiro e dezembro de 2018, recuaram 7,2% em quantidade e 17,5% em valor, relativamente ao ano anterior.

Em 2018, o Brasil importou, em média, 99 milhões de litros por mês. Em 2017, essa média mensal foi de 106 milhões de litros.

No geral, as importações brasileiras de leite e derivados, se concentraram no leite em pó e queijos. Os três principais produtos importados em 2018 foram o Leite em pó integral (43,5% do valor total importado); Leite em pó desnatado (11,0% do valor total importado); e Queijo tipo mussarela (10,3% do valor total importado). Outros dezessete derivados lácteos complementaram o valor total importado pelo país entre janeiro e dezembro.

O Brasil adquiriu, 96,7 mil toneladas de leite em pó, dispendendo US\$271,47 milhões. O preço médio do produto importado em 2018 foi de US\$2.808,00 por tonelada, 12,6% menor na comparação com a média de 2017, cuja cotação fora de US\$3.212,00/tonelada. Para uma comparação, o quilo do produto no mercado doméstico em 2018 ficou cotado, em média, em R\$14,96. Isso equivale a US\$4.093,69 por tonelada (considerando o câmbio médio, em 2018, de R\$3,65 por dólar). Em resumo, o produto importado custou 31,4% menos que o nacional. Em 2018, os maiores fornecedores em valor, foram a Argentina e o Uruguai, com 55,2% e 29,2%, respectivamente. Ou seja, 84,5% do total adquirido veio dos nossos vizinhos.

Destacamos também que os limites impostos através de cotas de importação de leite em pó argentino já não existem e este fato colaborou com o aumento nas compras do país.

Relativamente às exportações brasileiras de lácteos, em 2018, os três derivados mais exportados foram: outros leites, cremes de leite/leite condensado (32,5% do valor total exportado); outros cremes de leite (22,3% do valor total exportado); e

queijos fundidos (11,9% do valor total exportado). Outros trinta e quatro derivados lácteos complementaram o valor total das exportações brasileiras de lácteos em 2018.

Os principais três destinos das exportações brasileiras de lácteos em 2018, foram: Chile (8,9% do valor total exportado no ano); Trinidad e Tobago (8,5% do valor total anual exportado); e Rússia (8,0% do valor total exportado em 2018). Outros oitenta e seis países complementaram os destinos das exportações brasileiras de lácteos em 2018.

Para o primeiro semestre de 2019, os preços futuros do leite em pó no mercado internacional estão entre US\$2.682,00 a US\$2.756,00/tonelada, segundo a plataforma Global Dairy Trade.

***2. A média nacional dos preços pagos ao Produtor se recuperam no segundo semestre de 2018 depois de dois anos de queda e se mantiveram em R\$1,53 no primeiro semestre de 2019. Nesse período, no Paraná, o preço médio ficou em R\$1,36, superior aos preços médios de 2018: R\$1,28, 2017: R\$1,21 e 2016: R\$1,24.***

No âmbito do mercado internacional, os baixos preços do leite nos anos de 2015 e 2016 contribuíram para aumentar as importações pela indústria brasileira no período em que a produção nacional caía. Em 2014, a tonelada do leite em pó integral, principal produto lácteo transacionado no mercado, foi cotada a US\$ 3.496 na média do ano (Global Dairy Trade, 2019).

Já nos dois anos seguintes, o valor médio foi de US\$ 2.370 e US\$ 2.462, respectivamente. Nesse contexto, as importações brasileiras de leite e derivados saltaram de 725 milhões de litros em 2014 para 1,880 bilhão de litros em 2016.

No período de recuperação da produção nacional industrializada, a partir de 2017, os preços no mercado internacional ficaram mais valorizados, com o leite em pó integral cotado na faixa de US\$ 3.000 a tonelada. Como resultado, as importações apresentaram expressiva redução em 2017 e 2018.

No ano agrícola 2017/2018 os preços apresentaram uma queda de R\$1,52 no primeiro semestre de 2017 para R\$1,37 no segundo semestre de 2017 e R\$1,32 no primeiro semestre de 2018, se recuperando no segundo semestre de 2018, voltando ao mesmo patamar do primeiro semestre de 2017 com o preço de R\$1,53.

No primeiro semestre de 2019 os preços médios do leite no Paraná se mantiveram num valor médio de R\$1,36, de janeiro a julho, superior aos R\$1,28 pagos em 2018, R\$1,21 em 2017 e R\$1,24 em 2016. A aposta está na recuperação da demanda interna em conjunto com um cenário de oferta ajustada.

Do lado dos custos de produção, as perspectivas são de valores menores. No caso do milho, por exemplo, a maior disponibilidade nesta temporada deve manter o preço do cereal em patamares mais baixos que no ano passado. Também devemos ter um câmbio pesando menos sobre os preços dos insumos, como farelo de soja e fertilizantes.

Em resumo, para os produtores de maior escala, a rentabilidade deverá melhorar este ano, principalmente para os mais tecnificados e que fazem o planejamento no momento da compra dos itens que compõem os custos de produção da atividade e que tenham parte dos alimentos produzidos na propriedade. No entanto, destacamos sempre a necessidade de melhoria dos indicadores zootécnicos, buscando o aumento da produtividade. Com margens cada vez mais estreitas, o ganho em escala produtiva é fundamental para bons resultados e manutenção dos investimentos na atividade. Para isso, gestão, planejamento, eficiência na compra de insumos e melhoria na produtividade e na qualidade do leite são fundamentais, já que o custo entre R\$1,00 e R\$1,20, oferece lucratividade pequena por litro, compensada pela escala, mas com um Índice de Eficiência Econômico baixo.

**Para os produtores familiares de menor escala,** a melhoria das pastagens, a produção de silagem, o plantio de novas capineiras é fundamental para reduzir os custos de produção. A continuidade de melhoria do padrão zootécnico, do bem estar animal e da melhoria da sanidade é muito importante. Os investimentos em novos equipamentos de ordenha, resfriamento, instalações para os animais, piquetes de pastagem devem continuar sendo realizados, com capital próprio ou com os crédito do Pronaf. Com custos inferiores a R\$1,00 estes agricultores apresentam boa competitividade. Os custos das boas praticas complementares exigidas pelas IN. 76 e 77, pode excluir boa parte destes agricultores pelas dificuldades de realizar novos investimentos.

### ***3. Crescimento tímido, em 2018, dos 13 principais laticínios que respondem por 30% da captação formal do leite no país, com redução no número de produtores e aumento da escala de produção.***

A produção média diária dos produtores envolvidos com as 13 empresas de leite acompanhadas, cresceu 6,4% - avanço um pouco menos vigoroso que os 7,1% do ano anterior, porém maior que os 5,4% de 2016.

A média de produção por produtor foi de 411 litros/dia contra 387 litros/dia do levantamento de 2017. O número de produtores caiu 3,2% em 2018 em relação a 2017, passando de 37.290 para 36.114. Dados do portal Milkpoint.

A Nestlé, primeira colocada, elevou o número de produtores terceirizados e reduziu o de produtores associados, trabalhando, em 2018, com 894 fornecedores a menos, ficando com 3.004. No comparativo volume de leite/produtor entre 2018 e 2017, a empresa teve variação de -4,6% em captação e -22,9% em produtores.

O mesmo ocorreu com a Unium (Frísia, Castrolanda e Capal), terceira colocada no ranking, que teve queda de 12,1% no número de produtores, mas o volume de leite por produtor/dia expandiu 22,3%.

A Embaré, quarta colocada, captou 542,7 milhões de litros. O laticínio mineiro reduziu os fornecedores em 9,2% (de 1.667 produtores para 1.514), mas teve a captação aumentada em 6%.

A Cooperativa Aurora, quinta colocada, também reduziu o número de cooperados integrados, passando de 5.520 em 2017 para 4.500 em 2018, -11,2% e aumentando a recepção em 4%.

Na realidade, trata-se de uma tendência que está ocorrendo agora no setor por aqui e há muito tempo lá fora.

#### ***4. Maiores produtores do país produziram 7,3% mais em 2018. Cresce a escala de produção.***

Produção dos Top 100 alcançou média diária de 19.238 litros. Essa média é 194% maior do que a média geral do primeiro levantamento, em 2001. Já o crescimento da produção formal no mesmo período foi de 85,2% e da produção total do país apenas 63,3%, mostrando que os Top 100 cresceram expressivamente mais que o leite brasileiro como um todo.

- A produção média dos 100 maiores produtores de leite do Brasil foi de 19.238 litros/dia, volume 7,3% superior à média de 2017;
- A maioria dos produtores (52%) teve custo de produção entre R\$ 1,10/litro e R\$1,30/litro; 30% tiveram custos entre R\$ 1,30/litro e R\$ 1,50/litro; 12% tiveram custos entre R\$ 0,90/litro e R\$ 1,10/litro; e - apenas 1% - teve custo abaixo de R\$ 0,90/litro
- Minas Gerais consolidou-se ainda mais como o estado mais representativo no Top 100, com 44 propriedades (4 a mais que em 2017). Em segundo lugar apareceu o Paraná, que teve 19 fazendas entre os 100 maiores produtores de leite (2 a menos que na pesquisa anterior). Na sequência, vieram Goiás com 10 fazendas, São Paulo (9) e Rio Grande do Sul (7). No Nordeste, o número de fazendas se manteve, sendo representado pelo Ceará (4) e pela Bahia (3);
- A raça Holandesa continua sendo a mais utilizada entre os 100 maiores, estando presente em 75 fazendas. A raça Girolando vem na sequência, estando presente em 23 propriedades. Dentre os 100 maiores produtores de leite, 6 utilizam mais de uma raça na sua fazenda;
- Entre os 10 produtores com maiores aumentos na produção diária, 4 são de Minas Gerais, 3 são de São Paulo e 3 do Paraná;
- 90% dos produtores do Top 100 pretendem expandir a produção nos próximos 3 anos; apenas 10% disseram que não pretendem ampliar a atividade;

- O laticínio CCPR/Itambé apresentou o maior número de fornecedores entre os Top 100, somando 17 fazendas. Em seguida veio o Pool Leite, com 16 propriedades. Na sequência, Embaré, Piracanjuba e Danone. Vale destacar que 10 participantes do Top 100 possuem laticínio próprio. Entre eles, 3 estão no Top 10;
- Por mais um ano, a Fazenda Colorado (Araras/SP) ganhou o título da maior produtora de leite do Brasil. Em 2018, a propriedade teve aumento de 9% no volume produzido diariamente, totalizando 73.730 litros/dia.

## ***5. Consumo de leite e derivados no Brasil, leite longa vida e queijos concentram as preferências do consumidor.***

Atualmente, 816 milhões de toneladas de leite são produzidas por ano no mundo. Em média, 116,5 kg de leite são consumidos por habitante. E esses números têm aumentado a cada ano, a taxas anuais médias de 1,2%, desde 1999, segundo o IFCN-Dairy Research Center.

No Brasil, as taxas de crescimento anual do consumo de leite nos últimos dez anos são superiores ao crescimento mundial: média de 2,7% ao ano. Em valores totais, o consumo de leite brasileiro só apresentou queda em 2001, 2003, 2015 e 2017. Mas, se for considerado o consumo per capita, este vem caindo desde 2014, chegando ao nível de 166 litros de leite/habitante em 2017, valor que corresponde ao nível de consumo de 2012.

De acordo com a Pesquisa Industrial Anual do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apresentada este ano, o leite longa vida é o derivado lácteo que apresentou o maior valor de vendas no setor em 2016, seguido de perto pelos queijos.

Dentre os alimentos, o leite UHT perde apenas para carnes, açúcar, cervejas e refrigerantes. No entanto, apesar de ser o lácteo mais vendido no Brasil, são os queijos os produtos que têm apresentado maiores taxas de crescimento nos últimos anos.

Enquanto o valor de vendas de leite UHT cresceu 138% entre 2005 e 2016, o valor de venda dos queijos expandiu-se 509%, ultrapassando as vendas de leite longa vida no último ano.

Em volume de vendas, o leite longa vida ainda lidera, com crescimento de 24% no período analisado, chegando a 4,8 milhões de toneladas vendidas em 2016. Já os queijos tiveram crescimento de 124% no volume total vendido no período de 2005 a 2016, atingindo a marca de 785 mil toneladas vendidas em 2016.

Os números evidenciam a diversificação no padrão de compra de leite e derivados pelos brasileiros, em busca de produtos com maior valor agregado.

Além de apresentar uma grande variedade de tipos, sabores e tamanhos, os queijos atendem às novas tendências de consumo de alimentos nutritivos e, ao mesmo tempo, práticos no consumo. A luta pela regulamentação dos queijos artesanais pode significar a inclusão e ou a manutenção de um universo importante dos produtores familiares em todo o país.

## ***6. Desempenho do mercado brasileiro de lácteos apontam para a recuperação do consumo.***

Se analisarmos as três últimas décadas, de 1990 a 2019, pode-se afirmar que houve grandes avanços e que o padrão de importador líquido em termos de volume, vem reduzindo e esta parece uma tendência que esta se consolidando.

Na última década o Brasil importou em média 1,19 bilhões de litros de leite por ano. Apenas a importação de 722 milhões de litros em 2014 e de 1,85 bilhões de litros em 2015 se distanciou desta média.

A produção manteve-se com crescimento firme desde a desregulamentação do mercado em 1990 até a forte crise econômica e política que se instalou no país a partir de 2014. Em 2014 e 2015 a produção ficou em 35 bilhões de litros e nos três últimos anos se estabilizou em 33,5 bilhões de litros.

O consumo per capita aparente cresceu na última década, até 2014, quando chegou a 123 litros. Depois sofreu uma leve queda e se estabilizou em 122 litros per capita nos dois últimos anos. O consumo per capita total também cresceu até 2014, chegando a 175 litros per capita. Depois apresentou uma queda no consumo se estabilizando em 166 litros per capita nos dois últimos anos.

Para 2019, as projeções de consumo aparente mostram recuperação, mas ainda devem se manter próximo do patamar dos dois últimos anos.

As importações seguem uma dinâmica conjuntural, no que se refere a preço internacional, câmbio e necessidade de composição de estoques e preço doméstico. Maiores volumes são internalizados principalmente no período seco do ano, quando os preços do leite estão mais altos, sendo nossos principais fornecedores a Argentina e o Uruguai. Os principais produtos importados são leite em pó integral e desnatado, queijos e soro de leite.

Também sem um padrão bem definido, as exportações brasileiras de lácteos são oportunistas e eventuais, não criando condições de continuidade ou fidelidade com clientes, o que para o mercado é de alta relevância.

Ainda se pode destacar que a qualidade dos produtos brasileiros, somada às questões de escala de produção e processamento, eficiência industrial e “Custo Brasil” (ligados à questão logística, tributária, regulamentação e burocracia), está entre os principais entraves à participação brasileira, de forma efetiva, no mercado mundial de lácteos na condição de exportador líquido.

O Brasil possui grande potencial exportador de lácteos. Isso pela abundância dos principais fatores de produção (terra, capital, trabalho e tecnologia) e por estar inserido em um agronegócio pujante e altamente dinâmico, com capacidade de prover insumos, empreendedores e mercado para que o setor lácteo brasileiro ganhe maior robustez e possa assumir papel protagonista no mercado mundial de lácteos.

## **7. Indicadores de produção, consumo e preço.**

Os anos de 2015 e 2016 foram de crise no mercado internacional de lácteos. A recuperação teve início em 2017, com a volta dos preços ao seu patamar de média histórica de US\$ 0,35/l, e em 2018, a US\$ 0,32/l. Em valores convertidos para o real e corrigidos para a inflação, a média dos últimos 10 anos foi o equivalente a R\$ 1,10/l, no cenário internacional. Para 2017 e 2018, as médias foram um pouco acima do valor histórico, de R\$ 1,15 e de R\$ 1,18/l, respectivamente. Com isso, a produção mundial cresceu 2,8% em 2017, com expectativa de crescimento de 2,1% para 2018.

No Brasil, em relação aos indicadores internacionais, a média dos preços reais dos últimos 10 anos foi de R\$ 1,30/l, patamar 19% superior aos R\$ 1,10/l do indicador internacional. Ainda assim, a produção de leite tem diminuído ano após ano nos últimos três anos (tabela 1). Enquanto de 2008 a 2012 a produção cresceu em média 4,8% ao ano, de 2013 a 2017 o crescimento foi nulo, na média.

Em termos de autossuficiência, o Brasil tem se mantido como importador oscilando entre 2% e 5% a mais em consumo do que é produzido.

Em termos de preços o Brasil mantém preços ao produtor ao redor de US\$ 10/100 l. Cerca de 30% acima dos demais países da América do Sul. Explicando, em parte, a tradicional condição de país importador de lácteos na região.

Para o produtor de leite do Brasil há a expectativa de melhoria em 2019: com o preço em ascensão já no início do primeiro semestre, com o fim do período da safra e a redução no custo do concentrado, com a chegada de boas safras de milho e de soja.

Em 2019, a oferta nacional deve voltar aos patamares de crescimento de 3%.

Do lado do setor leiteiro, a consequência deste cenário foi refletida em vários indicadores, como o consumo de lácteos, que teve variação negativa, caindo de 166 para 165 litros/habitante/ano. Enquanto isso, leite UHT quebrou sua tendência anual de crescimento pela primeira vez em dez anos, recuando 145 milhões de litros em 2018 em relação a 2017. Outro exemplo nesse sentido foi observado na recepção do leite inspecionado que cresceu apenas 0,5% no período comparado, 24,45 bilhões de litros em 2018 e 24,33 em 2017, continuando com um volume inferior ao captado em 2014, 24,75 bilhões de litros.

A balança comercial de produtos lácteos do ano passado praticamente não se mexeu, mantendo deficit de pouco mais de 1 bilhão de litros, com uma disponibilidade líquida, em 2018, de 25,5 bilhões de litros e um consumo aparente per capita estável de 122 litros. Se considerarmos também a produção do leite informal, de 9 bilhões de litros, a disponibilidade líquida total foi de 34,47 bilhões de litros e o consumo aparente per capita total ficou em 165 litros, inferior ao período 2010/2016. Nos últimos cinco anos a produção de leite vem decaindo ano a ano, passando de 35,17 bilhões de litros, em 2014, para 33,4 bilhões de litros, em 2018.

## ***8. Desafios para a competitividade internacional***

Apesar dessa expressiva expansão, o país, historicamente, sempre foi um importador líquido de lácteos. Essa situação destoa de muitos outros segmentos do agronegócio, em que se destaca entre os líderes mundiais na produção e exportação.

Um dos fatores que estimula essa importação é o fato de o preço do leite nacional ficar acima do internacional na maior parte do tempo. Entre 2012 e 2017, o preço médio do leite brasileiro ao produtor ficou cerca de 10% acima do preço médio mundial, enquanto Nova Zelândia, Argentina e Uruguai, tradicionais exportadores de leite, tiveram preços 10,0%, 7,0% e 6,1% abaixo da média mundial, respectivamente. Isso ilustra a dificuldade do Brasil em competir em preço com esses países.

A indústria de laticínios no Brasil é muito fragmentada, com as quatro maiores empresas respondendo por apenas 28% da captação formal de leite. No Chile, Uruguai e Nova Zelândia esse percentual superam os 90%, na Austrália 60% e nos Estados Unidos, 45%.

O problema é que a fragmentação da indústria tem importantes implicações sobre a competitividade do setor, como: alto custo de captação, elevada capacidade ociosa, baixo poder de negociação na compra de insumos, reduzido poder de mercado na venda de produtos e no relacionamento com os grandes varejistas, concorrência predatória entre as empresas, limitada capacidade de investimentos e de inovação e baixa coordenação setorial.

Já no caso do produtor, na média, ainda permanece uma gestão do negócio pouco profissionalizada e com diversos reflexos no custo de produção. Sinais disso estão na baixa produtividade dos fatores de produção, como vacas, mão-de-obra e capital investido; estrutura fragmentada e baixa escala de produção; reduzido número de clusters, proporcionando maior densidade de produção de leite por km<sup>2</sup>; qualidade do leite ruim; e pouca preocupação com sólidos. Esses dois últimos pontos têm importância fundamental, pois quanto melhor a qualidade do leite e a quantidade de sólidos, maior o rendimento industrial.

Diversas distorções que prejudicam o setor. A guerra fiscal entre os estados brasileiros cria problemas alocativos (excesso de capacidade em algumas regiões);

a proteção de mercado e a elevada tributação prejudicam a incorporação de tecnologias poupadoras de mão-de-obra; a tributação sobre novos produtos lácteos penaliza a inovação; as estradas rurais prejudicam a coleta de leite e a logística das propriedades; a baixa qualidade na oferta de energia elétrica no meio rural causa perdas na produção, na qualidade do leite e no capital investido em equipamentos, somente para citar algumas distorções.

Com o empenho integrado de todos os elos da cadeia leiteira, o Brasil poderá garantir inserção sustentável no mercado internacional. Nesse sentido, é preciso reconhecer a existência de vários produtores competitivos, inovadores e com forte propensão a gestão. Da mesma forma, existem empresas com este perfil mais competitivo, pautadas pela excelência na produção.

Afinal, o Brasil possui características ímpares para avançar na oferta crescente de leite: população continental; grande disponibilidade de terras; clima que possibilita a produção de forragens a maior parte do ano; disponibilidade de soja, milho e outros produtos utilizados na alimentação do rebanho; oferta de tecnologia e genética animal e vegetal para o setor.

## ***9. Produção e Produtividades de Leite no mundo***

As últimas estatísticas disponibilizadas pela FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) sobre a produção mundial de leite referem-se a 2017. Neste período, enquanto a produção total brasileira apresentou queda de 0,5% em relação a 2016, no mundo subiu de 801,2 para 827,9 bilhões de litros, avanço de 3,3% de um ano para o outro.

Os crescimentos mais importantes da produção aconteceram na Oceania e na Ásia, com 6,1% e 4,9%, respectivamente. Em menor proporção, a produção evoluiu 2,5% na Europa e 1,6% na América, enquanto a África apresentou queda de 4,8%, embora neste continente a produção oriunda de camelas, cabras e ovelhas tenha aumentado 9,6%. As produções da Ásia, Europa e América somadas representaram 90,3% em 2016 e 90,7% em 2017 do total mundial.

A Oceania, embora ocupando o primeiro lugar entre os continentes que mais exportam produtos lácteos para o restante do mundo, graças principalmente à participação da Nova Zelândia, continua respondendo com apenas 3,6% do total mundial.

Com relação às espécies ruminantes ordenhadas, diferente do Brasil onde o leite é produzido basicamente por vacas (embora de diferentes raças e genética), em escala mundial a produção oriunda da ordenha de fêmeas de outros ruminantes (búfalas, camelas, cabras e ovelhas) não é tão insignificante: chega a quase um quinto da produção total, 18,4%.

**Tabela 6 - Produção e produtividade nos 20 maiores produtores de leite de vaca.**

<b>País</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>Cresc. %</b>
EUA	96.400	97.700	1,4
Índia	77.400	83.680	3,6
Brasil	33.700	33.500	-0,5
Alemanha	32.700	32.700	0
Rússia	30.500	30.900	1,4
China	37.200	30.800	-17,2
França	24.500	24.500	-0,2
Nova Zelândia	21.700	21.400	-1,4
Turquia	16.800	18.800	11,8
Paquistão	13.100	16.100	22,6
Reino Unido	14.900	15.300	2,1
Holanda	14.300	14.300	0
Polônia	13.200	13.700	3,4
México	11.600	11.800	1,4
Itália	10.800	11.400	5,6
Ucrânia	10.100	10.300	1,4
Argentina	9.900	10.100	2,0
Uzbequistão	7.900	10.000	27,9
Austrália	7.700	8.800	14,0
Canadá	7.500	8.100	7,8

\*Ordenamento de acordo com a produção total em 2017

## ***10. Na Argentina, consumo cai e exportações crescem.***

Segundo o Ministério de Agroindústria da Argentina, a produção de leite daquele país em 2018 foi de 10,53 bilhões de litros. Aumento de 4,3% comparado com 2017. Um volume fornecido por 10.722 produtores, 6% a menos do que havia há dois anos e 39% menor se consideradas as 15.000 propriedades ativas de 2002.

Em termos de rebanho, a relação comparativa aponta também que o número de vacas ordenhadas em 2017, que foi de 1,72 milhão de cabeças, caiu para 1,59 milhão, uma redução de 7,5%. O detalhe positivo é que a pecuária leiteira do país vizinho, mesmo com menos vacas e menos fazendas, teve crescimento anual de 2% se for analisada no período de 1970-2018, um índice superior ao desempenho mundial no período, que atingiu taxa de 1,4%.

De acordo com estudo recente do Ocla (Observatório da Cadeia Láctea da Argentina), divulgado pela agência ON24, as fazendas leiteiras de menos de 2.000 litros/dia representam 51,9% das unidades produtivas que sobrevivem no país, mas contribuem com 18,2% do leite total. No outro extremo, fazendas leiteiras de mais de 10.000 litros/dia, que representam apenas 3,3% do total de unidades produtivas, contribuem com um maior volume de leite: 19,6%.

Refinando mais, o estudo observa que “as 357 maiores fazendas leiteiras que produzem em média 16.110 litros/dia, fornecem a mesma quantidade de leite de

5.734 fazendas de leite que produzem menos de 2.500 litros por dia. O processo de concentração da produção nas grandes fazendas leiteiras é contínuo e acelerou nos últimos anos, valorizando o fator escala de produção para garantir margens melhores e assegurar lucratividade no negócio.

## ***11. Sul torna-se referência para o leite brasileiro***

Dos 33 bilhões de litros de leite produzidos no Brasil, em 2017, 12 bilhões de litros foram nesta Região, distribuídos da seguinte forma entre os três estados: 38% no Rio Grande do Sul; 37,1% no Paraná e 24,9% em Santa Catarina. A Região Sul do Brasil vem ocupando o primeiro lugar no ranking de produção de leite do país desde 2014, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Em 2017, foi responsável por 36% da produção nacional, contra 34% da região Sudeste. Dos quatro maiores estados produtores, Minas Gerais permanece líder e os demais são os da região Sul: pela ordem, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

A região obteve tal liderança em função principalmente do crescimento da produtividade animal, que aumentou 23% entre 2013 e 2017. Já o número de vacas ordenhadas caiu 14% no mesmo período. Dos 100 municípios com maior produtividade no Brasil, 79 são da região Sul do país.

### **E onde está a produção de leite no Sul?**

No Oeste desta região, envolvendo o oeste e sudoeste do Paraná, o oeste de Santa Catarina e o noroeste do Rio Grande do Sul. Esta zona leiteira diferenciada, está se configurando como a maior bacia de leite brasileira, pois produz um quarto de todo o leite nacional. Não é exagero afirmar que há outra Minas Gerais no Brasil quando se fala na produção de leite nesta região, em termos de produção com menor custo, melhor qualidade e maior produtividade animal, que chega a superar 4.000 litros/vaca/ano.

O cooperativismo também pode ser considerado um dos fatores de sucesso da atividade leiteira. Cultivando princípios como a valorização do produtor e de sua família, bem como da região em que atua, as cooperativas têm papel importante, principalmente para a produção familiar, muito presente nesta região.

Grande parte das cooperativas oferece assistência técnica especializada, acesso a diversos programas como, por exemplo, melhoramento genético de rebanhos, treinamentos diversos, financiamentos facilitados para aquisição de tecnologias e até planos de saúde familiares, entre outras coisas. Não dá para negar a importância das cooperativas para essas famílias e para o fomento da atividade.

No Paraná 39% da industrialização do leite passa pelas cooperativas do Sistema OCEPAR.

## ***12. Os elos da cadeia produtiva do leite.***

- O LEITE é produzido em 99% dos municípios brasileiros.
- O LEITE é transformado em centenas de DERIVADOS LÁCTEOS (queijos, iogurtes, etc).
- MERCADO do LEITE expandiu 78% nos últimos 5 anos.
- Mais de 11 MIL TRANSPORTADORES.
- Cerca de 2 MIL INDÚSTRIAS legalizadas.
- 4 MILHÕES de TRABALHADORES.
- 1,3 MILHÃO de PRODUTORES DE LEITE.
- FATURAMENTO DE R\$ 67 BILHÕES em 2016.

---

Fonte Anuário Leite 2019 Embrapa